

CIDADANIA E MULTICULTURALISMO

PARA ALÉM DOS MUROS DA ESCOLA

Prof^a Letícia Valéria de Souza



O ensino da arte

“Professora, porque temos que estudar arte?”, “Porque precisamos saber isso?”, “Professora, onde vou aplicar isso em minha vida?” Em toda sala de aula que estive ao longo desses anos lecionando Arte, em algum momento do processo, ouvi alguma dessas interrogações. Acredito que não seja simplesmente a falta de interesse nas aulas ou nos assuntos que motive esse tipo de pergunta, mas toda uma estrutura cultural, social e educacional que por muito tempo excluiu o estudo da arte da vida das pessoas. Na trajetória do ensino da arte, ao menos no Brasil, a priori percebemos o elitismo, não apenas no acesso à própria arte, mas na oportunidade de reflexões e emitir juízo a respeito do que é ou não é arte. Afinal quem determina o que é arte? Que parâmetros são usados para tal feito? Um pouco de estudo, e nos deparamos com essa elitização.

Resumidamente, o estudo da arte, por muito tempo, não fez parte da rotina escolar de nossos estudantes, por muito tempo não haviam profissionais específicos com conhecimento e didáticas adequadas ao ensino, ao menos não da maneira que pensamos e ensinamos hoje. E, para além disso, é preciso destacar que a menos de dois séculos a ideia que se tinha do que é arte era outra, por isso não me impressiona as perguntas acima citadas, tampouco o distanciamento aparente que ainda existe entre os conceitos e a ideia de grande parte da população. Para muitos, arte ainda é artigo de luxo, é coisa clássica, distante da realidade, isso porque o contato com o “mundo da arte” é pouco e não se faz reflexões eficientes que levariam as pessoas a perceber a arte do entorno, e reconhecer que a arte também está na cultura enraizada no nosso cotidiano e nas experiências sensíveis que desenvolvemos com o mundo.

A arte esteve em minha vida de diversas formas e, me sinto privilegiada por isso, mas ainda mais por tê-la percebido e vivenciado onde muitos não a viam. Essa sensibilidade exacerbada, me motivou a estudar e me fez escolher o ensino da arte como missão. Lecionar sempre foi uma paixão, desde muito cedo brincar de “professora” era meu passatempo

favorito. Escolher a área das artes como campo de atuação, foi como unir o útil ao agradável, ter a profissão e a paixão alinhadas dentro da mesma missão. Assim pude ensinar e fazer as pessoas perceberem a diversidade da arte, da beleza, da vida, ao mesmo tempo que se reconhecem agentes reflexivos do mundo, repletos de potencialidades e necessidades de expressão e comunicação.

O ensino de arte, em geral, pode até ser contemporâneo no currículo, mas na didática ainda possui um filtro bastante tradicional. Foi percebendo isso, a partir de minha própria educação escolar e acadêmica, que tratei de tornar minhas aulas cada vez mais dinâmicas, encontrando ou desenvolvendo metodologias que tornassem realmente possível a educação que acredito fazer a diferença no interesse, no aprendizado, nas perspectivas e na vida de cada estudante. O projeto “Cidadania e Multiculturalismo para além dos muros da escola” representa o resultado de minha jornada até aqui e vai de encontro ao que acredito ser uma forma ativa de desenvolver um ensino de arte com sentido para esses estudantes, numa relação direta com a arte urbana, tão atual e presente na vida nas periferias dos grandes centros e que veio quebrar muitos paradigmas presentes no “mundo das artes”. As pinturas mural urbanas, e mais especificamente o grafite, como expressões visuais, trouxeram não apenas cor e liberdade, mas também todo tipo de reflexões e mudanças na compreensão que as pessoas em geral tem sobre arte. Trazer essas linguagens para as salas de aula das comunidades periféricas, partindo principalmente da vivência cultural dos indivíduos, mostrando-a como meio de expressão da fala, das ideias, da luta, e do conhecimento, empodera e, aproxima os estudantes e toda a comunidade escolar daquilo que o mundo inteiro tem pensado sobre arte, também transforma o que antes era sem importância ou sem sentido em oportunidade de desenvolver a sensibilidade e ação consciente sobre a realidade na qual se está inserido. O projeto aconteceu ao longo de 2019, mais efetivamente no decorrer do 2º semestre, por iniciativa dessa que vos fala, mas que jamais teria conseguido pô-lo em prática, sem a disponível parceria dos demais agentes educacionais que compõem a comunidade escolar da Escola Básica Municipal Luiz Cândido da Luz, a “Escola da Luz”, em Florianópolis, Santa Catarina. Dedico esse portfólio e, meus mais sinceros agradecimentos, a todos que viabilizaram e possibilitaram a realização deste projeto, por acreditarem igualmente na transformação social humanizadora que só acontece por meio de uma educação de qualidade.



Colegas educadores e alunos registraram as ações de finalização da pintura. Nas fotos acima apareço realizando os detalhes do acabamento e assinando minha participação no projeto, em dezembro de 2019.

A Cidadania

Quando as aulas retornaram em 2019 e iniciei o trabalho na comunidade da Vargem do Bom Jesus, em Florianópolis, pude perceber que a situação do meio não era das melhores. A problemática da pobreza, acentuada pela criminalidade do tráfico, revelava uma situação de abandono e descaso por parte dos governantes, além de uma profunda falta de perspectiva de melhora na própria comunidade. A escola localizada entre pontos de disputa, está cercada por essa atmosfera violenta. Havia inclusive um certo falatório a respeito da dificuldade em se trabalhar com os estudantes da comunidade, por todas essas questões. Fui informada logo que cheguei que grande parte dos estudantes da unidade caracteriza o chamado “público flutuante”, vindos de vários locais do país, eles passavam pela unidade, mas não ficavam tempo suficiente para consolidar seus conhecimentos ou ainda desenvolver senso de pertencimento em relação à escola e comunidade. Aparentemente essa realidade aliada à negligência e abandono dos pais e responsáveis na educação escolar dos estudantes, resultou num grande desinteresse pelos estudos e nível de evasão acentuado.

A seguir, um mapa da localidade sobre o ponto de vista da Segurança Pública.



Fonte: [Triângulo vermelho do crime: como a PM busca combater o tráfico em três comunidades do norte da Ilha](#) acesso em 01 de agosto de 2020 às 18h01.

Quando as aulas iniciaram e tive contato com os estudantes, antes de propor qualquer conteúdo, tratei de conhecer ao menos um pouco quem eram e porque estavam ali. Logo percebi nos 9º anos, que se tornaram as turmas mais atuantes no desenvolvimento do projeto, o quanto a apatia, o desinteresse pelas aulas era uma constante na rotina escolar. No início, sentia a rejeição, a incredibilidade e a rebeldia por parte deles em todas os nossos encontros semanais. Foi um longo e exaustivo processo, até que eles começassem a demonstrar algum interesse e de fato se dedicassem ao projeto. Sentia que na cabeça deles minhas ideias para nossa aulas pareciam distantes da realidade. Mas aos poucos e com muito estímulo o projeto foi acontecendo e os estudantes foram percebendo que era possível aprender de uma maneira mais interessante, mais dinâmica, fora daquele convencional que não os motivava. Comprovamos que aprender arte é aprender sobre tudo, principalmente a ser cidadão consciente da sua história e de seus direitos e deveres, se tornando cada dia mais responsável e ativo na sua própria comunidade. É também se importar com as causas de todas e todos, pensando no futuro do planeta e repensando as formas como nos relacionamos e agimos no mundo.

Aprender arte nessa perspectiva é conhecer sobre física, química, matemática, história, é tentar ver a humanidade pela ótica das diversas ciências e sobre diferentes pontos de vista, principalmente no aspecto cultural. Nesse sentido, COIMBRA (2000, p.58) nos fala sobre a “transdisciplinaridade” que ele define como a relação existente entre as disciplinas. Segundo o autor, a transdisciplinaridade dá “um passo além da interdisciplinaridade no tratamento teórico de um tema ou objeto. Seria como um salto de qualidade (...) uma assimilação progressiva de outros saberes (...) de modo a possibilitar uma síntese holística ou uma cosmovisão de fato abrangente”. A Secretaria de Educação de Florianópolis propõe a metodologia de projetos e sugere a transversalidade no currículo, por meio do desenvolvimento dos temas transversais, que devem ser abordados segundo as especificidades de cada disciplina. A nova BNCC apresenta uma ampliação dos já conhecidos temas transversais recomendados nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais): Multiculturalismo, Ciência e Tecnologia, Cidadania e Civismo e, Meio Ambiente, são quatro das seis Macro Áreas dos TCTs (Temas Contemporâneos Transversais), apontados no novo documento nacional e, que serviram como embasamento teórico para o desenvolvimento do projeto.

Na perspectiva de Basarab Nicolescu (1999), o atual defensor da transdisciplinaridade, o prefixo trans pode ser entendido como “àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento” (NICOLESCU, 1999, p.51). Na metodologia de projeto transdisciplinar é possível construir conhecimentos específicos em muitas áreas e ao mesmo tempo, mostrando que só dividimos em partes, como em disciplinas, para compreender melhor, mas que tudo está relacionado o tempo todo. Assim, o trabalho diário fica mais interessante e o processo passa a fazer mais sentido, tornando efetivamente satisfatório os resultados, que são a aprendizagem e o desenvolvimento de um cidadão crítico, ativo e consciente.

O Multiculturalismo

“Os precursores do multiculturalismo foram professores, doutores afro-americanos, docentes universitários na área dos estudos sociais que trouxeram por meio de suas obras, questões sociais, políticas e culturais de interesse para os afro-descendentes”. (SILVA e BRANDIM, 2008, p.56)

A característica mais marcante da comunidade Vargem do Bom Jesus, a meu ver, é a pluralidade cultural, talvez determinada pelo fato de Florianópolis ser uma capital litorânea, turística, de aspecto cosmopolita. Percebi, desde o primeiro contato, que os estudantes vinham de diferentes regiões do país e traziam consigo uma bagagem cultural única e muito rica. Havia um leque de referências pessoais, dialetos regionais, expressões artísticas diversas e hábitos culturais específicos, evidenciando o multiculturalismo no ambiente escolar. Por tanto, era necessário viabilizar um projeto que unisse essas referências todas e desvendasse a personalidade única, porém ainda oculta, desta comunidade formada por estudantes, pais, mães e trabalhadores vindos de lugares tão distintos entre si. Cabe a nós, educadores, reconhecer e organizar essas referências e dar vazão à expressão cultural individual e coletiva. Por isso, durante o primeiro semestre de 2019, os esforços se concentraram em coletar, mapear e divulgar ao máximo as experiências culturais dos estudantes e aprofundar os conhecimentos tendo como base os Temas Contemporâneos Transversais, citados anteriormente, a partir da metodologia transdisciplinar.

Celebrar o direito à diferença nas relações sociais como forma de assegurar a convivência pacífica e tolerante entre os indivíduos caracteriza o compromisso com a democracia e a justiça social, em meio às relações de poder em que tais diferenças são construídas. Conceber, enfim, o multiculturalismo numa perspectiva crítica e de resistência pode contribuir para desencadear e fortalecer ações articuladas a uma prática social cotidiana em defesa da diversidade cultural, da vida humana, acima de qualquer forma discriminatória, preconceituosa ou excludente. (SILVA e BRANDIM, 2008, p.64)

Desenvolver um projeto tendo como princípios norteadores a cidadania e o multiculturalismo é trazer à tona as raízes culturais e as questões sociais que moldaram de diversas maneiras os indivíduos envolvidos no processo. Mas para além desse resgate se faz necessário propor reflexões sobre a diferença, a tolerância e valorização de todas as culturas, sem detrimentos ou supervalorização. A partir desse contato com a cultura do outro e das propositivas reflexões, conceber o respeito como a máxima a ser seguida é o que dá condições para o desenvolvimento de um ambiente cultural abundante e efervescente. Quando abordamos o multiculturalismo a partir de uma proposta transdisciplinar tratamos de apresentar a diversidade cultural como tesouros a serem encontrados, resgatados e compartilhados entre todos. Para tanto, no que diz respeito à “Escola da Luz”, o projeto realizado no ano de 2019 só foi o pontapé inicial, o começo de uma longa e desafiadora jornada, extremamente necessária e que, sem dúvida, trará muito mais significado, acolhimento e direcionamento aos estudantes e à toda comunidade escolar.



Acima, foto panorâmica num momento de aula ao ar livre em parte do processo da pintura com a turma 91.



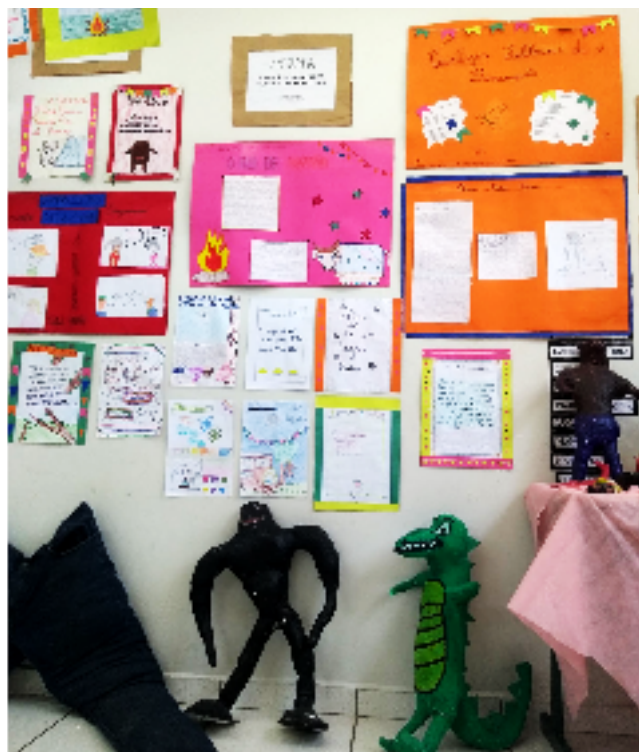
Parte da pintura da turma 92 finalizada com citação de Marielle sobre racismo e desigualdade social.

Os encaminhamentos

PRIMEIRA FASE - Definição dos temas, estudo e pesquisa.

No início do primeiro semestre de 2019 levei para o grupo de professores as ideias de construção do projeto que se efetivaria com as parcerias necessárias. O corpo docente, já familiarizado com a metodologia de projetos interdisciplinares e com os temas transversais, recebeu bem minha proposição. Ainda durante o primeiro semestre os estudantes foram informados sobre o projeto e como ele aconteceria. Os temas foram escolhidos pela equipe de professores e trabalhados ao longo das aulas dentro das especificidades de cada disciplina. Incentivados durante as aulas de artes, geografia e história, os estudantes do 7º ano, por exemplo, passaram a estudar os aspectos que representam a cultura Afro-brasileira, pesquisando e identificando as referências africanas na pluralidade cultural brasileira. Entrevistas, pesquisas na internet, em livros, além das referências trazidas por cada estudante

sobre suas próprias experiências, fizeram parte dos debates e aprofundamentos teóricos. Em dado momento, disponibilizei trechos do documentário “Brasil: DNA África”, exibidos no Fantástico em 2016, que elucidou a discussão e trouxe à tona muitos questionamentos a respeito de nossas origens. Já os estudantes do 8º ano se dedicaram ao estudo da história e cultura da própria cidade, a partir dos encaminhamentos nas aulas de história e artes, voltando sua pesquisa para a cultura local, repleta de crenças, personagens e histórias mágicas, contadas tradicionalmente e passadas de geração em geração até a atualidade.



Registros da exposição dos trabalhos desenvolvidos sobre a Cultura Local ao longo das aulas de arte que ocorreram na primeira e segunda fase do projeto. Os estudantes dos 7º e 8º anos produziram cartazes, ilustrações e até esculturas em papel e arame sobre os temas relacionados ao Folclore nacional, regional e da cidade de Florianópolis. A exposição fez parte da Mostra Cultural em 2019.

Desde o início os estudantes sabiam que todas as informações coletadas nas pesquisas seriam de extrema importância, pois serviriam de base para a criação dos desenhos que resultaram nas pinturas dos muros externos da escola. A empolgação com essa última parte do processo sempre foi mais evidente, dava pra ver que estavam ansiosos por vivenciar essa experiência. Nas turmas de 9º ano as parcerias aconteceram mais efetivamente com os professores de Ciências e Geografia. Juntos debatemos a proposta do projeto, alinhamos nossos objetivos e passamos a sugerir os temas a serem abordados. Com as questões sobre a Amazônia em alta, escolhemos esse como um dos assuntos referentes ao Meio Ambiente. O professor Lucas de geografia sugeriu também o estudo do Apartheid na África e decidimos por propor uma pesquisa mais ampla sobre a luta das populações negras por equidade de direitos e condições de vida dignas ao longo da história recente. O assunto sugerido pelo professor André, de ciências, e aceito pelo grupo foi a participação e relevância das mulheres na ciência, para conhecer a vida e trabalho de cientistas de grande importância, porém pouco conhecidas, já que os holofotes e méritos recaem majoritariamente sobre homens cientistas. Assim, definimos como temas de pesquisa para o projeto “Cidadania e Multiculturalismo para além dos muros da escola”: a preservação da Amazônia, da vida e cultura dos povos indígenas; a luta dos negros à superação do racismo; o Feminismo: pela valorização das mulheres na ciência; a Cultura Afro-brasileira; e a Cultura local de Desterro (antigo nome de Florianópolis). Os três primeiros temas citados foram direcionados às três turmas de 9º anos, que passaram

então a pesquisar e estudar, durante as aulas, essas questões mais a fundo, seguindo respectivamente os aspectos e orientações de cada disciplina e professor.

SEGUNDA FASE - Produção de esboços e trabalhos a partir das pesquisas.

7º ano: Para a realização da segunda fase do projeto com a turma 72 e, elaboração de esboços sobre o tema “Cultura Afro-brasileira”, após longos debates, explanações, pesquisas e aprofundamento teórico, surgiu a ideia de motivá-los através de um concurso, cujo prêmio seria estampar sua criação e assinar com exclusividade a parte do muro reservada a esse tema. Para tanto os estudantes foram separados em grupos de 4 ou 5 pessoas, e tiveram algumas aulas disponibilizadas para a criação de um cartaz que desse conta de mostrar o que haviam de fato aprendido nas aulas sobre Arte e Cultura Afro-brasileira. O cartaz que melhor expressasse visualmente a proposta, seria então reproduzido por toda a sala através da pintura mural. Após algumas semanas, e com os cartazes já prontos, organizei uma equipe avaliadora com alguns professores e funcionários da escola, e pedi que escolhessem o cartaz mais representativo, para aí então darmos início às aulas de pintura mural. É claro, que durante todo esse período da primeira e segunda fase, estive preparando os estudantes, no desenvolvimento de atividades práticas com materiais e técnicas que serviram de base para o processo final, ao mesmo tempo que coletamos e reservamos os materiais necessários a realização da pintura como tintas, pincéis, papelão, potes com tampas, panos velhos, entre outros.



Os cartazes elaborados nesta fase do projeto foram expostos à toda a comunidade escolar durante a Mostra Cultural que aconteceu no início do mês de dezembro, em 2019.

8º ano: Dividida também em grupos, a turma 83 recebeu como proposta de atividade a criação de desenhos que representassem as lendas, crendices e os personagens mitológicos da cidade. A ideia inicial sugerida por eles era que cada grupo contasse as histórias pesquisadas e registradas, pintando desenhos em cada uma das porta de salas de aula do ambiente

escolar. Cada porta contaria uma lenda, apresentando os personagens folclóricos da “Ilha da Magia”. No entanto, não conseguimos autorização para fazer tal ação e acabamos por mudar o encaminhamento. Depois de muitas ideias e debates, resolvemos unir todas as referências coletadas em uma grande pintura mural, representando o passado e o presente, as credences e a história da cidade em forma de ilha que se tornou a capital de Santa Catarina. Durante as aulas que marcaram essa segunda fase do projeto os estudantes criaram os esboços individualmente, nos grupos e por fim em um grande cartaz coletivo, que uniu as ideias de todos. O cartaz, pintado com tinta guache, foi exposto na Mostra Cultural que aconteceu em dezembro e também foi reproduzido em grande escala no muro da frente da escola durante a terceira fase do projeto.

9º anos: Nesta segunda fase do projeto os estudantes passaram a entender de fato a importância do exercício da cidadania. Durante as aulas, e no que diz respeito ao objeto de estudo de cada disciplina, eles foram produzindo trabalhos teóricos e práticos, ilustrando os conhecimentos que estavam construindo a respeito dos temas. Na aula de geografia, por exemplo, aconteceu a produção de cartazes, apresentando as pesquisas sobre as principais personalidades políticas, líderes que representam a luta pelo fim do racismo, como Martin Luther King, Angela Davis, Mandela e daqui do Brasil, Marielle Franco. Nas aulas de Ciências, a partir das proposições da professora Ana Paula, os alunos da turma 91 produziram um vídeo trazendo informações sobre as queimadas na Amazônia, que foi editado pela professora Luciana e postado nas redes sociais da Unidade Educativa. Ao final do vídeo é possível conferir imagens do processo de pintura mural realizado durante as aulas de arte, na última fase do projeto. A pesquisa sobre a Amazônia e também sobre o Racismo, viraram matéria em algumas edições do jornal impresso, organizado e divulgado pelo Grêmio Estudantil.



Amazônia - by nonos anos 2019

Próximo

Clique [AQUI](#) ou na imagem acima para ter acesso ao vídeo produzido pelos alunos da turma 92, sobre a Amazônia, durante às aulas de Ciências.

A pesquisa sobre mulheres cientistas feita pela turma 93 e as discussões sobre feminismo e machismo, originaram longos e produtivos debates, bem como apresentações de seminários nas aulas

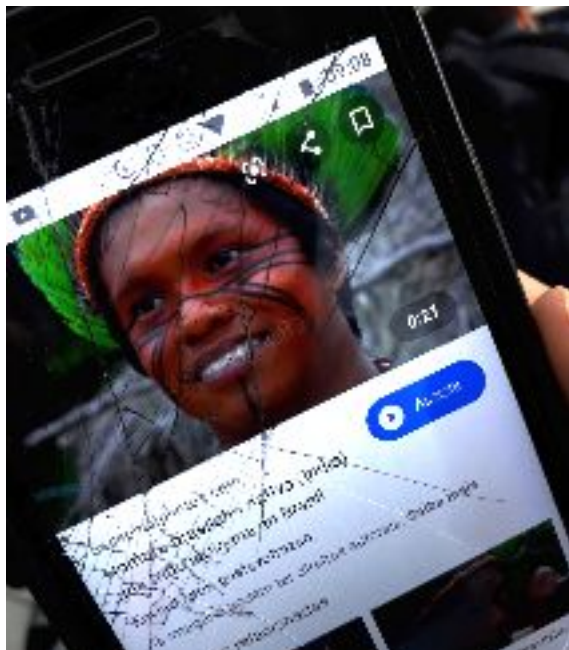
de ciências, guiadas pelo Professor André. Dessas apresentações surgiu a indicação dos nomes das cientistas que seriam, por fim, homenageadas com seus retratos pintados em parte do muro externo da escola. As escolhidas pelos alunos foram: Marie Curie, Johanna Dobereiner e Mayana Zatz. Após a escolha, os alunos foram divididos em 3 grupos e passaram a esboçar os retratos das cientistas, inspirados na arte urbana e no grafite que foram anteriormente trabalhados nas aulas de artes. A ideia era que os desenhos não mostrassem apenas o retrato dessas mulheres, mas deixasse evidente sua contribuição a partir da ilustração do tema de suas principais pesquisas. O resultado foi muito interessante, mas infelizmente um dos grupo não conseguiu finalizar suas criações a tempo de transpassar o desenho para o muro, e acabou apenas contribuindo com os demais na realização da pintura mural.



JOYANNA DOBEREINER (1924-2000)
A agrônoma realizou pesquisas fundamentais para que o Brasil se tornasse um grande produtor de soja, além de ter desenvolvido o proalcol. Estima-se que suas

Marie Curie (1867-1934)
Esta lista não estaria completa sem a "mãe da física moderna". Marie Curie é famosa por sua

As imagens acima mostram parte dos trabalhos realizados durante as aulas de ciências, a partir das pesquisas a respeito das mulheres cientistas. Eles também ficaram expostos durante a Mostra Cultural.



As imagens registradas pelos próprios estudantes da turma 91, revelam as inspirações e parte do processo de criação coletiva dos cartazes durante a 2ª fase do projeto.



Registro do processo de confecção de um dos cartaz feito pela turma 91, sobre a preservação da Amazônia e das culturas indígenas, como instrumentos avaliativos em ciências e artes, e estudo sobre o tema para a pintura mural.

TERCEIRA FASE - A intervenção artística por meio da pintura mural.

Em meados de outubro, após finalizar as fases de estudo, pesquisa, planejamento e criação individual e coletiva das imagens que iriam compor a pintura mural, pudemos dar início às aulas externas com os estudantes das turmas 72, 83, 91, 92 e 93. Cada turma recebeu a missão de transpor no muro as ideias e desenhos elaborados ao longo do processo de acordo com as temáticas abordadas durante as aulas. O muro a ser pintado está localizado na fachada da unidade escolar, possui uma parte menor à esquerda e outra maior à direita do portão de acesso principal. Ao todo cerca de 20 metros foram coloridos com as criações e pinturas dos próprios estudantes, revelando o protagonismo criativo, que a meu ver, marcou todas as fases da construção do projeto. A parte do muro que fica ao lado esquerdo foi reservada às respectivas turmas e temáticas: T 83 e T 72, sobre a “Cultura Local de Desterro” com o mural denominado “Ilha da Magia” e, a “Cultura Afro-brasileira” com mural denominado “Cores afro-brasileiras”. A parte do muro a direita ficou sob a responsabilidade das turmas de 9º ano, respectivamente T91, T92 e T93, com os temas “A preservação da Amazônia, da vida e cultura dos povos indígenas”; “A luta dos negros à superação do racismo”; e “Feminismo: pela valorização das mulheres na ciência”. Durante boa parte das aulas de arte que aconteceram entre outubro e dezembro estivemos concentrados e dedicados a realizar as pinturas no muro, e como já dito anteriormente, houve todo um trabalho de preparo técnico, cognitivo e também comportamental dos estudantes frente ao desafio de criar um mural de grande proporção estampando a entrada da “Escola da Luz”. Uma grande responsabilidade tanto para mim, professora idealizadora do projeto, quanto para os estudantes que foram os verdadeiros artistas desta ação.

Os desenhos foram ampliados no muro pelos próprios estudantes usando giz de cera. Direcionei para esta ação os estudantes que demonstravam maior gosto e habilidades pelo desenho, conforme as imagens se formavam fui auxiliando nas dimensões e proporções,

orientando para que o resultado final ficasse esteticamente coerente e visualmente interessante. A tinta usada na confecção do mural foi um galão de 3,5L de acrílica para áreas externas. Sendo a tinta a base d'água, primeiro tivemos que diluí-la para depois acrescentar os corantes líquidos. Para facilitar essa parte do processo solicitei que cada estudante trouxesse anteriormente um frasco com tampa para armazenar as tintas já coloridas. Uma paleta de cores bastante vívida foi se formando, e conforme as pinturas foram acontecendo era possível perceber que havia sido uma escolha assertiva, as cores de todos os painéis conversavam entre si, mostravam força, equilíbrio e correlação. As cores marcaram bem a ideia de que apesar de temas diferentes, as imagens faziam parte de um todo que partia de uma mesma iniciativa, do mesmo projeto. A maior parte dos materiais utilizados no processo de pintura, como tintas, pigmentos e pincéis foram conseguidos a partir de verba cedida pela própria direção da unidade e arrecadada por meio das ações da Associação de Pais e Mestres, a partir do consenso do Conselho Escolar. O processo e o resultado desta última fase do projeto estão registrados nas imagens a seguir.





As imagens acima são do processo inicial da pintura mural, com desenhos pela preservação da Amazônia e das culturas indígenas, criados e reproduzidos pelos estudantes da turma 91 durante as aulas.



Aqui temos os registros de alguns momentos do processo onde já estávamos colorindo os desenhos e obtendo resultados visuais muito interessantes com o efeito das cores.



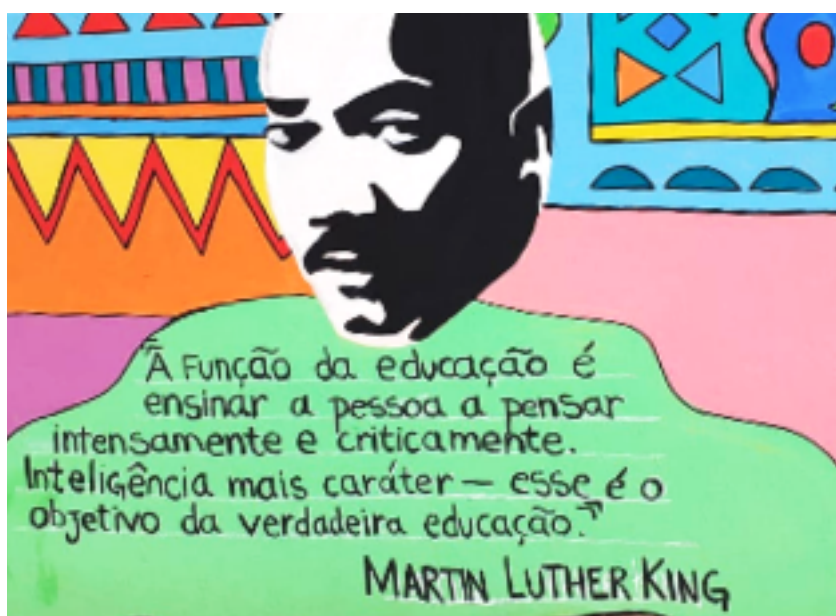
Os estudantes da turma 91 realmente se empenharam nas aulas práticas de pintura do muro, tornando o trabalho visual rico em cores, detalhes e significado.



Aqui vemos a turma 92 dando início às pinturas sobre a luta contra o racismo, representando por meio da técnica do estêncil, muito usada no grafite, os retratos em preto e branco das principais personalidades políticas consideradas lideranças nas causas dos povos negros. Ao fundo dos rostos, foram pintados grafismos, símbolos e motivos geométricos que representam as culturas africanas, afro-americana e afro-brasileira.



Nas imagens em estêncil acima vemos Marielle Franco e Ângela Davis, duas fortes referências do feminismo negro, estudadas pelos alunos durante as aulas de geografia e artes, ao longo do projeto.



Nelson Mandela e Martin Luther King também foram homenageados com seus retratos e suas frases célebres sobre educação. O efeito das imagens em preto e branco com a combinação de cores ao fundo trouxe uma atmosfera pop, alegre e muito contemporânea. Conforme o painel ia se formando, mais e mais pessoas manifestaram simpatia pela obra. Os estudantes puderam sentir na pele o prazer de estar fazendo algo grande e de extrema importância para si e para a comunidade.

O registro a seguir é um dos poucos que mostram o processo de composição dos murais criados pelas turmas 72 e 83. Infelizmente não consegui parcerias que me ajudassem no registro dessas práticas. As duas turmas em questão são muito numerosas e acabaram por exigir maior atenção e direcionamentos de minha parte na hora de efetuar a pintura no muro, não me sobrando tempo hábil para fazer os registros necessários.



Os murais “Ilha da Magia”, da turma 83 e “Cores afro-brasileiras”, da turma 72, aparecem em andamento.



Na imagem acima, o esboço em preto à esquerda é a representação da cultura ilhéu, ainda em fase inicial. Os estudantes da turma 83 optaram por desenhar os elementos turísticos e um pouco da história e folclore numa pintura intitulada por eles de “Ilha da Magia”. Na sequência, já em fase de coloração, está o mural “Cores afro-brasileiras” com a representação da pintura vencedora do concurso realizado na turma 72. O mural foi desenhado pelo grupo vencedor e posteriormente colorido por todos os estudantes da turma. Já a imagem ao lado é um registro de um dos colegas professores que auxiliou na implementação do projeto. Nele, eu apareço pintando para auxiliar os estudantes da turma 83 na finalização do mural sobre a cultura local. Bruxas, sereias, Lobisomem e Boi de Mamão foram algumas das personagens folclóricas representadas por eles neste mural. Outros aspectos que também ficaram em evidência foram as influências açoriana e indígenas que estão enraizadas nos costumes, crenças e na relação íntima com a natureza, aspectos muito específicos da cultura nativa local.

“Feminismo: pela valorização das mulheres na ciência” foi o mural realizado pela turma 93, mas que infelizmente não consegui fazer registros do processo. O trabalho em cada fase do projeto com esta turma foi o que mais se estendeu, devido ao número excessivo de faltas diárias dos estudantes, haja visto que boa parte deles já eram também trabalhadores. As faltas acabaram por dificultar a continuidade no projeto em muitos momentos. Ainda assim, os alunos criaram os desenhos sobre Johanna Dobereiner e Mayana Zatz em cartolinas e depois reproduziram em tamanho ampliado a partir de minhas orientações. Fizeram a maior parte da pintura mas por conta do encerramento das aulas em meados de dezembro, acabei tendo que finalizar os contornos sozinha. O objetivo era que houvesse ao menos três cientistas retratadas, mas devido à não realização do estudo por parte de um dos grupos, o desenho de Marie Curie acabou não acontecendo.



Em meados de dezembro, finalizando os contornos e assinando a produção, ao mesmo tempo que levava um torrão do sol de verão, mas muito feliz com os resultados.

Os resultados

Já há alguns anos me dedico em trabalhar com a proposição de pinturas murais e atividades práticas dinâmicas que mantêm os estudantes interessados, motivados e ativos no processo de ensino-aprendizagem. E foi essa experiência de anos que me levou a idealizar e construir na “Escola da Luz” o projeto “Cidadania e Multiculturalismo para além dos muros da escola”. Primeiramente porque me senti acolhida pela comunidade escolar, senti que apesar das problemáticas presentes na vida cotidiana da periferia, existe ali a sede pelo novo, pela mudança, e principalmente a esperança no progresso. Existem também pessoas preocupadas que procuram se engajar, de fato, na transformação social. Professores e funcionários que são pais e mães e acolhem os estudantes como verdadeiros pupilos, não se limitando à fazer apenas as funções próprias de seus cargos, mas indo sempre além, sempre pensando no melhor para a comunidade. A Escola Luiz Cândido da Luz tem um caminho muito bonito a percorrer, pois tem amor e zelo nas ações que promove. Para o desenvolvimento do projeto recebi muito apoio e confiança incondicional no meu trabalho, tive autonomia para me mover e percorrer espaços não-convencionais, para propor ações educativas que se estenderam para além dos muros que cercam a escola. Levar reflexão e conhecimento por meio da arte, valorizando a pluralidade cultural já tão presente e rica na própria comunidade escolar, é uma das ações mais gratificantes que minha profissão me permite experimentar. Ver nos alunos o empenho, a dedicação, os olhares brilhantes com a ideia do novo, é algo de uma potência absurda. Perceber a preocupação dos envolvidos pela preservação e cuidado com as obras construídas, me fez entender que se antes não havia um senso de pertencimento ao local que originou todo esse envolvimento, agora ele existe e resgata o sentido do ensinar e aprender. Pensar que o conhecimento é algo tão potente, a ponto de derrubar as barreiras físicas das paredes e muros, para passar a fazer parte do dia-a-dia e aos poucos trazer consciência e transformação individual e coletiva para a vida das pessoas é o que me faz olhar para todos os desafios e barreiras superados no processo e, finalmente dizer, “valeu a pena”.



Moradora da comunidade observando os murais finalizados enquanto realiza o seu trajeto diário.



Um agradecimento muito especial a esta mulher radiante que acreditou junto comigo, me dedicou apoio total desde o princípio, que moveu mundos e fundos para viabilizar todos os detalhes desta empreitada e presenciou com alegria e entusiasmo todos os passos do desenvolvimento do projeto “Cidadania e Multiculturalismo para além dos muros da escola.” Gratidão, Kette Barretos, por tudo. (Kette era a diretora da escola no período em que o projeto aconteceu.)



*“A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo.”
Nelson Mandela*

Referências

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1994.

BARBOSA, Ana Mae. **Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: apresentação dos Temas Contemporâneos Transversais**, ética/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. MEC, 2017. Brasília, DF, 2017. Disponível em Acesso em 21 Mar. 2018.

COIMBRA, J. A. A. **Considerações sobre a interdisciplinaridade**. In: PHILIPPI JR., A. Interdisciplinaridade em Ciências Ambientais. São Paulo: Signus, 2000,p. 52-70.

FLORIANÓPOLIS. **Proposta Curricular da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis** - Prefeitura de Florianópolis. Secretaria de Educação, 2016.

NASCIMENTO, Erivaldo Alves. **Perspectivas multiculturais na Proposta Triangular**. Arte & Educação em Revista. Porto Alegre, n.3, jul./dez.1996. p.7-11.

NICOLESCU, B. **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. São Paulo: TRIOM, 1999.

RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e Estética do Cotidiano no Ensino das Artes Visuais**. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.

SILVA, Maria José Albuquerque, BRANDIM, Maria Rejane Lima. **Multiculturalismo e Educação: em defesa da diversidade cultural**. Diversa. Ano 1.